

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente: mas não será util e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurarã nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas o as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que repositam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extração no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa litoratura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento à edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a ellos, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta litoraria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca à disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada à Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará allem disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL, ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada à venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

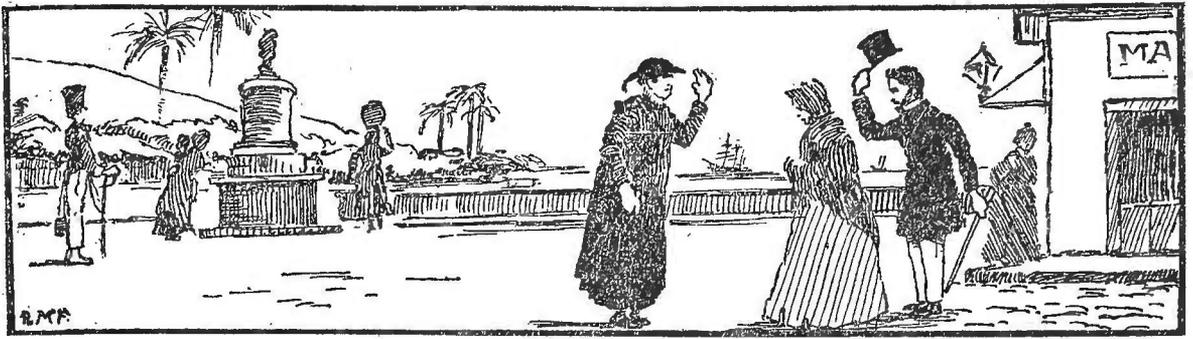
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livreria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 28 de Maio de 1921

NUMERO 5

O LUNDUM — José Ve-  
ríssimo.

A FEITICEIRA — Inglez  
de Souza.

Uma Santa Brasileira —  
SANTA DIANA — Li-  
ma Campos.

## SUMMARIO

G. C. P. A. — Gastão  
Cruls.

SUPPLEMENTO — A vida  
literaria - Psychologia

do theatro.

Curiosidades literarias — «A  
Comedia».

Os mossos poetas — Uma sa-  
tyra de Hilarió Tacito.

# O L U N D U M

A moldura é uma casa de sitio.

Paredes de barro, esteios amarrados com cipó,  
tecto de palha.

Na frente da casa um mastro, coberto de fo-  
lhas, ornado com fructos: ananazes, bananas e  
outros.

No topo do mastro uma bandeira.

Na bandeira, pintada por um Pedro Americo  
campestre, uma pomba.

É o Espirito-Santo.

\* \* \*

É dia de festa.

A festa do Divino ou do Senhor Divino Espi-  
rito-Santo, como chamam.

É uma festa muito popular na Amazonia.

Durante muitos dias andam as canôas, cheias  
de devotos, a fírar esmolas pelos sitios.

Estes pedintes aceitam tudo. Fructas, doces, vi-  
nhos, cachaça, carneiros, vitellas, tudo lhes serve.

Preferem dinheiro.

O dia da festa chega.

Então, ao menos em apparencia, o Senhor Di-  
vino Espirito-Santo é substituído por Baccho.

\* \* \*

Na sala da casa estão reunidos todos.

Ha redes atadas aos cantos.

O resto da mobilia compõe-se de bahús de ma-

upá pintados de verde, um ou dois bancos e  
peitos de jacaré.

Em uma das redes o dono da casa fuma tran-  
quillamente no seu cachimbo.

É um velho tapuyo de cara alegre e cabellos  
grisalhos. Veste a sua melhor calça de panno a-  
mericano riscado e camisa branca.

Em uma rede a dona da casa, sentada de um  
lado, conversa com uma comadre que senta-se no  
outro. Na cabeça de ambas dois formidaveis pen-  
tes erguem-se como os montes do Almeirim.

Em outra, tres moças — que eu chamaria as  
tres Graças, não fosse tão sedicã a comparação —  
duas de um lado e outra do outro, reclinando-se  
a meio, deixando ostensivamente ver os pés nús  
meio calçados em chinellas encarnadas, e um  
trecho das pernas bem feitas, aos namorados que  
olham-nas cubiçosos, sentados nos bahús ou nos  
bancos.

Nos outros assentos amontoavam-se homens e  
mulheres, moços, velhos e crianças.

Vestidos encarnados, camisas de rendas, gran-  
des brincos de ouro velho, cabeças cheias de flo-  
res, labios cneios de risos, seios cheios de dese-  
jos, olhos cheios de amor — tudo la ahi.

Os moços fumam o perfumado tabaco do Rio  
Preto em seus longos cigarros de taquari, e os  
velhos nos cachimbos de barro, por longos e en-  
feitados taquarys.

Em uma mesa, coberta com uma colcha de chita, está a corôa do Divino Espirito-Santo, cheia de fitas e flores.

Dos lados da mesa ficam encostadas á parede as bandeiras.

Em dois castiçaes de prata de forma antiga — pedidos para esse fim ao vizinho rico — ardem duas velas de cera.

Aos pés da corôa amontoam-se maços de velas, dadas de esmola ou em cumprimento de promessas.

Ha poucos momentos distribuiu-se o caxiri.

A alegria reina.

\* \* \*

Ha uma orchestra.

Uma flauta e uma viola.

A flauta toca, a viola acompanha.

De vez em quando a viola briga com a flauta.

Ha então um desconcerto.

Mas os "dilettanti" são nimiamente condescendentes. Não havia pateada. De ora em quando davam palmas.

Era' quando a viola e a flauta tocavam os limites do sublime.

Isso não era raro.

Os musicos são cantores, acompanham-se.

Têm o defeito de não serem originaes. Cantam o "Não te esqueças meu anjo, de mim" — musica e letra velhas, que tornavam novas com uns requiebro langorosos de olhos para as eleitas de seu coração, que faziam ás vezes, um máo modo e diziam :

— Axi!...

Este — axi!... era um chumbo. Cortava as azas ao sabiá que errava a ultima nota e caía estatelado no chão da sua desdita.

Os ouvidos dos circumstantes lucravam.

\* \* \*

Lembraram-se de aproveitar a musica para dançar.

Dançaram.

Eram polkas, quadrilhas, valsas, lanceiros — todo o cortejo das insipidas danças civilizadas.

Depois pararam. Um então gritou :

— O lundum, venha o lundum!...

A viola e a flauta puzeram-se de accordo e tocaram o lundum.

Napoles tem a tarantela; o Aragão tem a jota; a França tem o can-can; a Hespanha tem o bolero; Portugal tem o fado; Montevidéo tem o fandango; o Brasil tem o lundum.

O lundum, creio, nos veio pela Bahia. Tem o seu tanto de africano. Depois espalhou-se no Bra-

sil. O "catêretê", a "chula" e outras danças são suas filhas.

O lundum é uma dança que admite todas as outras.

As castanholas da jota, a morbidez da tarantela, os passos seductores do bolero, os passos insipidos da quadrilha, as voltas rapidas da valsa, o sapateado do catêretê, o requebro lascivo do fandango, a arrogancia do fado.

E a flauta e a viola tocaram um lundum. E dançaram o lundum.

A flauta e a viola gritaram.

— Ninguem mais vem!...

Passaram-se alguns minutos.

Alguem appareceu na arena.

\* \* \*

Fêz-se profundo silencio.

Todos os olhos se fitaram "nella".

"Ella" deu os primeiros passos e as primeiras voltas.

Um cheiro activo de periperioca espalhou-se na sala, de mistura com o perfume do jasmim e do molongó.

"Ella" começou por passinhos curtos: um pé para diante, outro para traz. Os dedos afilados batiam com preguiça as castanholas. Nos labios de um vermelho arroxado brincava um sorriso provocador.

Deu assim tres voltas: ninguem lhe saiu ao encontro.

Temiam todos.

Então dos labios purpurinos, no meio de um frouxo de riso zombeteiro, saiu-lhe esta admiração e esta pergunta.

— Já!!... Ninguem?...

Os homens, principalmente os rapazes, entreolharam-se e abaixaram os olhos envergonhados.

Passaram-se alguns momentos.

"Ella" esperava no meio da sala com um sorriso de mófa nos labios.

Alguem saltou.

\* \* \*

Era um rapaz desse bello typo mameluco, alto, esbelto, vaqueiro, de calça branca, camisa branca bordada, botões de moedas de ouro nos punhos e no peito, lenço beira de chita no pescoço cobrindo o collarinho. Apesar de todo o seu garbo, via-se-lhe receio no semblante.

A musica começou.

Elle deu principio á dança.

O corpo esbelto requebrou-se e torceu-se, os pés giraram no chão.

“Ella” comprehendeu que elle era digno de si. Começou.

Os pésinhos, a meio mettidos nas chinellas encarnadas, correram ligeiros no chão, os dedos bateram as castanholas com força.

A luta principiou.

“Ella” deixava-o aproximar-se e fugia rapida quando ia tocal-a, ou então procurava-o e quando elle pensava que ella ia render-se-lhe, enganava-o fugindo.

Depois, nas mil voltas que davam, elle procurando-a, “ella” esquivando-se, quando elle estendia os braços, “ella” passava-lhes por baixo soltando uma grande gargalhada.

O rapaz suava, “ella” estava calma.

Corriam, gritavam, fugiam, iam, vinham, tornavam, chegavam quasi a abraçar-se e estavam apartados, dir-se-ia que iam beijar-se e afastavam-se.

“Ella” mostrava-lhe os labios rubros, apertando-os para não rir, elle lançava-lhe olhares amorosos no meio de sorrisos.

Elle procurava-a, “ella” fugia; elle supplicava, “ella” ria-se.

A dança era um duello.

\* \* \*

As outras mulheres estavam arrufadas, ninguem mais as olhava, seus namorados mesmo tinham os olhos fixos “nella”.

Si pudessem teriam gritado: — fóra!...

Os homens, esses, estavam contentes. O mais corajoso de entre elles ia ser vencido. Não gritavam — Bravo! porque a commoção embargava-lhes a voz.

Contradição logica.

O velho, pai d’“ella”, sentou-se melhor na rede, deitou de manso o cachimbo no chão, fincou os cotovellos nos joelhos, encostou as faces nas mãos e olhou-a muito attento.

Por seus labios passou um sorriso de ufania.

A mãe deixou a conversa da comadre, que não gostou nada, pois via uma sua filha ficar para o canto, e poz-se a miral-as.

A comadre disse suspirando:

— Ah! meu tempo...

O marido da comadre olhou-a com ironia.

Esse olhar era um desmentido formal áquella lembrança do seu tempo.

O lundum continuava.

A viola e a flauta comprehenderam agora a sua elevada missão e, de mãos dadas, redobraram de esforços e de notas desafinadas.

De subito “ella” parou.

A alegria reapareceu no campo feminino.

Foi um momento.

Quando um sorriso de triumpho assomou sos labios do vaqueiro — “ella” recommçou.

O que se passou então eu não posso pintar.

Os pés correram mais velozes, os dedos bateram as castanholas com mais força, os requebros foram mais gentis, nos olhos mortos pelo cansaço houve mais langor, no sorriso mais zombaria, os seios tremeram mais fortes, o coração bateu mais precipite.

Ora dauçava com uma rapidez vertiginosa, ora os pés corriam lentos.

Depois dava ao corpo, flexivel como o junco, mil geitos cheios dessa coisa que os italianos chamam “morbidez” e dessa outra coisa que nós chamamos “denguice”.

Em uma das voltas os seus cabellos desprenderam-se e caíram longos, espreguiçando-se sobre as espaduas e impregnando o ar com o aroma rescendente da baunilha.

As flores que estavam enlaçadas nelles caíram; “ella” pisou-as.

Só uma rosa ficou. O vaqueiro foi apanhal-a; como a veada das campinas “ella” abaixou-se e levantou-a.

Elle ficou de joelhos, palpitante, supplicando, com as lagrimas quasi nos olhos, um pedido quasi na bocca.

“Ella” girava.

Parou, estendeu-lhe os braços, o vaqueiro apoiou-se-lhe nas suas lindas mãos e ergueu-se.

“Ella” retirou as mãos e a dança continuou.

Os negros cabellos voavam-lhe nos ares, tremiam-lhe as narinas, o collo arfava, os seios tumidos pulavam sob a fina cambraia do vestido, o peito offegava, o coração parecia querer saltar-lhe.

Nos olhos negros havia um mar de volupia, nos labios roxos ondas de desejos.

Os cabellos soltos volitavam-lhe ao redor da cabeça e hombros, enroscavam-se-lhe no collo airoso, introduzindo-se-lhe no seio.

A bocca semi-aberta, humida, mostrava os dentes brancos e afiados, que pareciam querer morder.

As faces estavam vermelhas como a tinta do urutú.

E “ella” girava.

O furor da dança se apossára d’“ella”,

Não podia parar.

Na sala, alem da musica, só se ouvia o sapatado de suas chinellas encarnadas.

\* \* \*

A viola e a flauta cansaram.

Cansar é uma fatalidade.

A cara dos tocadores mettia dó.

Rubros, suados, com os cabellos espetados humidos, olhos e boccas abertas, estavam grotescos.

Pararam.

Ultimo som e nota, como diz o poeta.

O lundum cessou.

Houve uma chuva de bravos.

Os homens á mulher, as mulheres ao homem.

\* \* \*

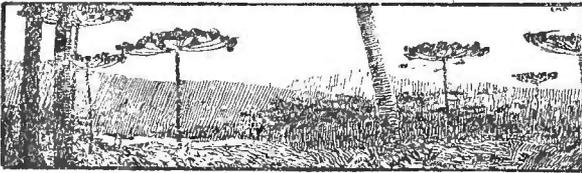
“Ella” foi cahir exhausta em uma das redes.

\* \*

Dizem que foi aquelle o seu ultimo lundum.

Depois de mulher do vaqueiro, teve de cuidar dos filhos e ninguem mais a viu nas festas do Divino.

JOSÉ VERISSIMO



## A FEITICEIRA

Chegou a vez do velho Estevam, que falou assim:

— O tenente Antonio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais serias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobishomens e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemiterio, e até de passear ás dez horas pela frente da casa do judeu, em sexta feira maior.

Eu não lhe podia ouvir taes leviandades em cousas medonhas e graves sem que o meu coração se apertasse, e um calefrio me corresse a cspinha. Quando a gente se habitua a venerar os decretos da Providencia, sob qualquer forma que se manifestem; quando a gente chega á idade avançada em que a lição da experiencia demonstra a verdade do que os avós viram e contaram;

custa a ouvir com paciencia os sarcasmos com que os moços tentam ridiculisar as mais respeitaveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem *espiritos fortes*, como dizia o Dr. Rebello. Peço sempre a Deus que me livre de semelhante tentação. Acredito no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais extraordinario que pareça. Sei que o poder do Creador é infinito e a arte do inimigo vária.

Mas o tenente Souza pensava de modo contrario!

Apontava á lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um coropira, um lobishomen ou uma feiticeira. Ficava impassivel vendo cahir uma estrella e achava graça ao canto agoureiro do acauan, que tantas desgraças occasiona. Emfim, ao encontrar um agouro sorria, e passava tranquillamente sem tirar da bocca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar.

— Quereis saber uma cousa? Filho meu não frequentaria esses collegios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belem parece que todas as crenças velhas vão pela agua abaixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tinhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos principios que os paes lhe inculcaram no berço, lisongeando-se d’uma falsa sciencia que nada explica, e a que, mais acertadamente se chamaria charlatanismo. Os maos livros, os livros novos, cheios de mentiras, são devorados avidamente. As cousas sagradas, os mysterios são cobertos de motejos, e em uma palavra a mocidade de hoje, como o tenente Souza, proclama alto que não crê no diabo, (salvo seja, que lá me escapou a palavra!) nem nos agouros, nem nas feiticeiras, nem nos milagres. E’ de se levantarem as mãos para os ceos pedindo a Deus que não nos confunda com taes impios!

O infeliz Antonio de Souza, transviado por esses propagadores do mal, foi victima de sua leviandade ainda não ha muito tempo.

Tendo por falta de meios abandonado o estudo da medicina, veio Antonio de Souza para a provincia em 1871 e conseguiu entrar como official do corpo de policia. No anno seguinte era promovido ao posto de tenente, e nomeado delegado de Obidos, onde antes nunca tivera vindo.

O seu genio folgazão, a sua urbanidade e delicadeza para com todos, o seu respeito pela lei

e pelo direito do cidadão faziam delle uma autoridade como poucas temos tido. Seria um moço estimavel a todos os respeitos se não fôra a desgraçada mania de duvidar de tudo, que adquirira nas rodas de estudantes e de gazeteiros do Rio de Janeiro e do Pará.

Desde que lhe descobri esse lastimavel defeito, previ que não acabaria bem. Ides ver como se realisaram as minhas previsões.

Em principio de fevereiro de 1873, por occasião do assassinato de João Torres, no Paranamiry de cima, Antonio de Souza para alli partiu, em diligencia policial. Realisada a prisão do criminoso, a convite do Ribeiro, que é o maior fazendeiro de Paranamiry, resolveu o tenente delegado lá passar alguns dias, afim de conhecer, disse elle, a vida intima do lavrador da beira do rio.

Não vos descreverei o sitio do tenente Ribeiro, porque ninguem ha em Obidos que o não conheça, principalmente d'aquella grande demanda que elle venceu contra Miguel Faria por causa das terras do Uricurisal.

Basta lembrar que todos os cacauaes do Paranamiry communicam entre si por uma vereda mal determinada, e que é facil percorrer uma grande extensão do caminho, vindo de sitio em sitio até á costa fronteira á cidade.

Antonio de Souza passava o tempo a visitar os sitios de cacau, conversando com os moradores, a quem ouvia casos extraordinarios, alli succedidos e zombando das crenças do povo. Como lhe falassem muitas vezes da Maria Mucoim, afamada feiticeira d'aquelles arredores, mostrava grande curiosidade de a conhecer. Um dia em que caçava papagaios, com Ribeiro, contou o desejo que tinha de ver aquella celebre mulher, cujo nome causa o maior terror em todo o districto.

O Ribeiro olhou para elle, admirado e depois d'uma pausa disse :

— Como? Não conhece a Maria Mucoim? Pois olhe, alli a tem.

E apontou para uma velha que, a pequena distancia d'elles, apanhava galhos seccos.

O tenente Souza viu na Maria Mucoim uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a bocca negra, que, quando se abria n'um sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só! comprido e escuro. A cara côr de cobre, os cabellos amarellados presos ao alto da cabeça por um *tropa-moleque* de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. A

feiticeria trazia ao pescoço um cordão sujo, d'onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar ao proximo, para occultar a sua verdadeira natureza.

Quem não reconhece á primeira vista essas creaturas malditas que fazem pacto com o inimigo, e vivem de suas sortes más, permittidas por Deus para castigo dos nossos peccados?

A Maria Mucoim, segundo dizem más linguas (que eu nada affirmo nem quero affirmar, pois só desejo dizer a verdade para o bem estar da minha alma), fôra outr'ora caseira do defuncto padre João, vigario do Obidos. Depois que o reverendo foi dar contas a Deus do que fizera cá no mundo (e severas deviam ser, segundo se dizia), a tapuya retirou-se para o Paranamiry, onde, em vez de cogitar em purgar os seus grandes peccados, começou a exercer o hediondo officio que sabeis, naturalmente pela certeza de já estar condemnada em vida.

Quem nada pode esperar do céo, pede auxilio ás profundas do inferno. E se isto digo, não por leviandade o menciono. Pessoas respeitaveis affirmaram-me ter visto a tapuya transformada em pata, quando é indubitavel que a Mucoim jamais creou aves dessa especie.

Mas o Antonio de Souza é que não acreditava nessas toleimas. Por isso atreveu-se a caçoar da feiticeira :

— Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo?

(Lá me escapou a palavra maldita, mas foi para referir o caso tal como se passou. Deus me perdõe).

A tapuya não respondeu, mas poz-se a olhar para elle com aquelles olhos sem luz, que intimidam aos mais corajosos pescadores da beira do rio.

O rapaz insistiu, admirando o silencio da velha:

— E' certo que você é feiticeira?

O demonio da mulher continuou calada e levantando um feixe de lenha, poz-se a caminhar com passos tropegos.

O Souza impacientou-se :

— Fallas ou não fallas, mulher do...?

Como moço de agora, o tenente gastava muito o nome do inimigo do genero humano.

Os labios da velha arregaçaram-se, deixando ver o unico dente. Ella lançou ao rapaz um olhar longo, longo que parecia querer traspassar-lhe o coração. Olhar diabolico, olhar terrivel de que Nossa Senhora nos defenda a mim e a todos os bons christãos.

O riso murchou na bocca de Antonio de Souza. A gargalhada proxima a arrebentar ficou-lhe presa na garganta, e elle sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias. O seu olhar sarcastico e curioso submetteu-se á influencia dos olhos da feiticeira. Quiçá pela primeira vez na vida soubesse então o que era medo.

Mas não se mostrou vencido, que de rija tempera de incredulidade era elle. Começou a dirigir motejos de toda especie á velha, que se retirava lentamente, curvada e tropega, parando de vez em quando e voltando para o moço o olhar amortecido. Este, conseguido afinal soltar o riso, dava gargalhadas nervosas que assustavam aos japiins e afugentavam as rolas das moitas do cacau. Louca e imprudente mocidade!

Quando a Maria Mucoim desapareceu por detrás dos cacaueiros, o Ribeiro tomou o braço do hospede, e obrigou-o a voltar para a casa. No caminho ainda deram alguns tiros, mas de caça nem signal, pois se em algum animal acertou o chumbo foi num dos melhores cães do Ribeiro, que ficou muito penalizado e viu logo que aquillo era agouro. O Ribeiro, apesar das ladroeiras que todos lhe attribuem, é homem crente e de bastante siso.

Quando chegaram á casa da vivenda, seriam seis horas da tarde. Ribeiro exprobou com brandura ao amigo o que fizera á feiticeira, mas o desgraçado rapaz riu-se, dizendo que iria no dia seguinte visitar a tapuya. Debalde o dono do sitio tentou dissuadir-o de tão louco projecto, não o conseguiu.

Era de mais a mais esse dia uma sexta-feira.

Antonio de Souza, depois de ter passado toda a manhã muito agitado, armou-se d'um terçado americano e abalou para o cacau.

A tarde estava feia. Nuvens côr de chumbo cobriam quasi todo o céu. Um vento muito forte soprava do lado de cima, e o rio corria com velocidade, arrastando velhos troncos de cedro e periantans enormes onde as jaçanans soltavam pios de afflicção. As aningas esguias curvavam-se sobre as ribanceiras. Os galhos seccos estalavam, e uma multidão de folhas despegava-se das arvores, para voar ao sabor do vento. Os carneiros approximavam-se do abrigo, o gado mugia no curral, bandos de periquitos e de papagaios cruzavam-se nos ares, em grande algazarra. De vez em quando, dentre os tremulos aningaes sahia a voz solemne do unicornio. Procurando aninhar-se, as fetidas ciganas augmentavam com o grasnar corvino a grande agitação do rio, do campo e da

floresta. Adiantavam os sapos dos atoleiros e as rans dos capinzaes o seu concerto nocturno, alternando o canto desenxabido.

Tudo isso viu e ouviu o tenente Souza do meio do terreiro, logo que transpoz a soleira da porta, mas convencerá a um espirito forte a precisão dos agouros que nos fornece a maternal e franca natureza?

Antonio de Souza internou-se resolutamente no cacau. Passou sem parar nos sitios que lhe ficavam no caminho, e os cães de guarda, sahindo-lhe ao encontro, não o conseguiram arrancar á profunda meditação em que cahira.

Eram seis horas quando chegou á casa da Maria Mucoim, situada entre terras incultas nos confins dos cacauaes da margem esquerda. E' segundo dizem, um sitio horrendo e bem proprio de quem o habita.

Numa palhoça miseravel, na narrativa de pessoas dignas de toda a consideração, se passavam as scenas extranhas que firmaram a reputação da antiga caseira do vigario. Já houve quem visse, ao clarão de um grande incendio que illuminava a tapéra, a Maria Mucoim dansando sobre a cumieira danças diabolicas, abraçada a um bode negro, coberto com chapéo de tres bicos, tal qual como ultimamente usava o defuncto padre. Alguem, ao passar por alli a deshoras, ouviu o triste piar do murucututú, ao passo que o suffocava um forte cheiro a enxofre. Alguns homens respeitaveis que por acaso se acharam nos arredores da habitação maldita, depois de noite fechada, sentiram tremer a terra sob os seus pés, e ouviram a feiticeira berrar como uma cabra.

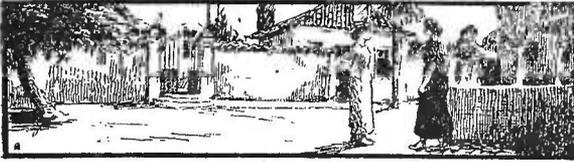
A casa, pequena e negra, compõe-se de duas peças separadas por uma meia parede, servindo de porta interior uma abertura redonda, tapada com um topé velho. A porta exterior é de japá, o tecto de pindoba, gasta pelo tempo, os esteios e caibros estão cheios de casas de cupim e de cabas.

Souza encontrou a velha sentada á soleira da porta, com o queixo mettido nas mãos, os cotovellos apoiados nas coxas, com o olhar fito num bemtevi que cantava numa embaubeira. Sob a influencia de olhar da velha, o passarinho começou a agitar-se e a dar gritinhos afflictivos. A feiticeira não parecia dar pela presença do moço, que lhe bateu familiarmente no hombro:

— Sou eu, disse. Lembra-se de hontem?

A velha não respondeu. Antonio de Souza continuou depois de pequena pausa:

— Venho disposto a tirar a limpo as suas fei-



## G. C. P. A.

(Continuação e fim)

Obedecendo aos conselhos do mestre, um magote de futuros mortícolas mais ciosos de sciencia, veio abeirar-se do leito de Sylvino, no desejo de perquirir signaes e symptomas apontados durante a prelecção. Num torpôr espasmico, já incapaz de reacção, Sylvino deixou que mais uma vez examinassem as suas miserias; e sob os dedos ágeis que percutiam e apalpavam o seu corpo, elle tinha o sangue regelado, numa prematura sensação de guzanos que lhe mordiscassem sequiosamente as carnes. Satisfeita a curiosidade, entre risos e commentarios ao caso em estudo, o bando jovial não tardou em partir, hospital afóra, para novas aulas e trabalhos praticos.

Foi então que o interno Castro, sempre um dos retardatarios no serviço, se approximou tambem do seu leito. Já ahi a enfermaria estava quasi deserta. Apenas a uma das portas da ante-sala esperava-o o professor Rodrigues, que pouco antes lhe bichanara qualquer cousa ao ouvido. O chefe da clinica, embora desembaraçado do gôrro e do avental, conservava sob o fraque de sarja azul ferrete a solemnidade costumeira, um dos seus predicados de grande exito junto á crendice da vasta clientela.

Sylvino muito de affeiçãoára ao interno Castro que, desde o inicio de sua molestia o acompanhava com a maxima solitudine, examinando-o repetidas vezes e interpellando-o todos os dias sobre a marcha do mal, desejoso de que o minimo pormenor lhe não escapasse. Depois de assignalar rapidamente qualquer cousa no boletim clinico appenso á cabeceira do doente, o estudante perguntou-lhe se a ida ao amphitheatro não o havia fatigado em demasia, e advertiu-o de que, talvez, no dia seguinte, o tivesse ainda de submeter a novos exames. Em seguida elle partiu ao encontro do mestre, que já o esperava no corredor, de livro em punho e chapéu na cabeça, apressurado em attender a numerosos doentes.

Relançando de esconso a vista pela papeleta pouco antes annotada, Sylvino sentou-se dum impeto, mãos travadas nos cabellos que se arrepel-

lavam, um algôr electrizante coando-se-lhe pela nuca abaixo. É que a lapis vermelho, em um dos cantos de papeleta, lá estava a abreviatura sinistra, a almenara da morte: *G. C. P. A.*

O laconismo destas quatro iniciaes, que por tanto tempo lhe aguçaram a curiosidade, e de cuja significação só apos um longo noviciado na enfermaria elle tivera finalmente a chave, condensava sobre o seu destino a mais terrivel das ameaças: elle tambem seria espostejado sobre a mesa de autopsias.

No receio de que a piedade e o carinho de parentes e amigos viessem reclamar os despojos dos seus pobres mortos, antes que a vaidade dos mestres e a voracidade da sciencia tivessem tempo de cevar seus appetites, a mão zelosa de um assistente ou interno se apressava em advertir a administração do hospital de que este ou aquelle cadaver não deveria sahir sem a conveniente autopsia. E assim, prevenindo possiveis enganos e decepções inconsolaveis, mal um doentê engravecia, desde que o seu caso fosse raro ou de diagnostico obscuro, logo se affixava na papeleta, synthetizada nas quatro letras, a ordem fatidica e decretoria: *Guarda o cadaver para autopsia.*

Mais de revolta, pela sua muita ingenuidade, do que mesmo de pavor, foi o gesto de Sylvino ao deparar o aviso deshumano. Quanta decepção se lhe reservára para aquelle dia! É que nunca lhe bacorejara no peito tão desgraçado fim, e só agora a venda impenetravel cahia definitivamente dos seus olhos, convencendo-o de que a molestia o nivelava aos outros enfermos do hospital. Tudo o que se lhe afigurara até então, carinhos e attentções especiaes dedicados á sua pessoa, quando assistentes e internos o examinavam repetidamente, preocupando-se com a sua saude, não passava de um zelo pharizaico de mortícolas escondendo curiosidades scientificas deante de um caso raro e concupiscivel. Não fosse digna de estudo a sua molestia e, certamente num corvejar agoureiro, elles não se revezariam com tanta presteza junto do seu leito. Até o interno Castro, a quem tão confiantemente elle se entregara, não fugia tambem ao bando atroz, e se o acompanhava com desvêlo e abnegação especiaes era por que — conforme o professor dissera em aula aos discipulos — a sua observação lhe iria enriquecer a these, versando sobre a molestia de Addison. A prova, se ainda alguma fosse necessaria, ahi estava na presteza com que o doutorando vinha salvaguardar os interesses da sciencia, premeditando-lhe a carneada.

Ah! mas elle não levaria a termo o seu martyrio. Os seus restos não iriam ter ao esfoladouro! O mestre dera-o como perdido, futurando-lhe d'alli por diante peioras rapidas até a morte que já não andava longe. Pois perdido por perdido, elle mesmo daria fim ás suas desgraças, comtanto que os seus despojos se vissem poupados á sanha dos histuris perscrutadores.

E na escuridade da sua desesperação, como uma scintilla salvadora, veloz atravessou-lhe o cerebro a ideia de uma fuga desnorçada, fosse para onde fosse, desde que se visse fóra do hospital. Como, porem, levar avante o insoffrido desejo, se os seus membros desnervados e bambos já mal se moviam? Sobrar-lhe-iam as forças para alcançar a rua, palmilhando a enfiada interminavel de corredores?

Torturado por essa e outras duvidas, cada qual mais anciosa e angustiante, assim passou Sylvino as horas do meio dia, em que a enfermaria após o almoço, adormece numa relativa calma, só entrecortada aqui e ali pelo palavreado desconnexo de algum delirante, ou pelos gemidos e estertores dos que soffrem sem treguas.

Era preciso partir ao lusco-fusco, antes que aldrabassem o grande portão, e a irmã de guarda, com o móllho de chaves a tilintar na cintura, entrasse a percorrer maciamente os corredores, as mãos enclavinhadas sobre o peito, aluz brunindo-lhe o perfil num recorte amarfinado.

Por vezes, durante o lento desfiar das horas, o seu cerebro já esfaldado pelo continuo esmoer dos mesmos planos e cogitações, forçava-o a breves instantes de modorra, de que elle despertava rapido e ainda mais sobresaltado, no receio de perder o momento propicio á sua libertação. Mas para que o seu designio não tergiversasse diante das difficuldades a vencer, prefigurando o fim tragico que o esperaria se permanecesse no hospital, acudiam-lhe á memoria, com uma precisão terrificante de particularidades, algumas das au-

topsias a que elle assistira e mesmo auxiliára.

Uma das mais recentes, e que tanto o impressionára, fóra a de um rapaz de compleição leonina, peito largo e polpudo, que já entrara para o serviço de olhos vidrados, o corpo tetanicamente convulsionado nas crises de uma meningite super-aguda, morrendo ao fim de tres dias. A sua autopsia tinha sido das mais longas e minuciosas. Para a retirada do systema nervoso abriram-lhe o craneo ao meio e esnocaram vertebra por vertebra. Ao cabo de duas horas de porfiante tarefa, em que serras e escopros se succediam nas mãos dos internos, a medulla surgiu numa tripa languinhenta e acinzentada, cheia de ramificações lateraes, á semelhança de um myriapode de proporções desmesuradas. Durante todas essas manobras, o morto, deborcado sobre o marmore, tinha a cabeça a balouçar de um cepo, e a bocca entreaberta deixava escorrer uma baba esverdoadada e pestilencial.

De outra feita fora um impaludado, cuja infecção, contraida no Amazonas, aqui de novo se accendera, para abatel-o em poucos dias. Como se tratasse de uma malária de forma mixta e rara, com o parasito ainda mal conhecido, o seu martyrio foi delongado, retardando-se-lhe a medicação necessaria e urgente, até que boas e copiosas laminas de seu sangue fossem retiradas e se lhe estudassem as curvas do accesso febril, de typo extremamente bizarro. Ao mesmo tempo a noticia do caso raro espalhava-se pelo hospital, e das outras clinicas, numa romaria incessante, chegavam novos estudantes para morcegar-lhe o sangue. Esse fóra tambem escarpellizado com cuidado: e o seu baço enorme e congesto, a espirrar sangue por todos os lados, mettido num largo bocal, até hoje se conservava no laboratorio, para deleite e admiração dos necrophilos.

Sylvino lembrava-se ainda do doente do leito 16, uma das ultimas autopsias a que ele assistira, antes de se acamar definitivamente. Era um bri-

ACABA DE APARECER

# FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

POR SIMÃO DE MANTUA

Preço 4\$000

MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES R. BOA VISTA, 52 - S. PAULO

ghitico. O seu corpo anasarcado da cabeça aos pés, tinha uma cor cardea e transparente. Á medida que lhe abriam o ventre e a barrigada ia sendo avidamente examinada entre os dedos ageis do operador, da pelle grossa e infiltrada escorria uma serosidade visquenta, e postas de um sangue negro se agrumelavam sobre a mesa.

E Sylvino sentia ainda maior a sua desesperação, o remorso afistulando-lhe a alma, quando se recordava de que, conchivado com o pessoal da enfermaria, tambem cumplicia em todas aquellas ignominias. Era elle quem limpava e afiava o instrumental destinado ás carnificinas, e os doentes escolhidos para taes scenas de barbaria ficavam sob a sua immediata fiscalização, de maneira que não fosse possivel o extravio de seus cadaveres — vitualha opima para o banquete dos morticolos.

Á luz hesitante do crepusculo, quando se infiltravam na enfermaria as primeiras sombras da noite e, no altar, a chamma vacillante de uma lamparina convulsivava sobre o madeiro, em transe de dor, o corpo exangue de um Christo, Sylvino saltou apressadamente do leito, esgueirando-se pela primeira porta que se abria para o corredor. A sua blusa de enfermeiro facilitar-lhe-ia a passagem no caso de um possivel encontro com alguma freira ou algum servente do hospital.

Guinando de uma parede para outra, as pernas infirmes e pesadas genuflectindo a cada instante, ora agachado no desvão de uma janella, com o coração aos pulos mal presentia qualquer ruido, ora já mais resolutivo, avançava mais alguns passos. Sylvino chegou ao fim do interminavel e lugubre primeiro corredor, que apenas o olho baço de uma pequena lampada electrica alumia. A ancia de liberdade e a superexcitação cerebral enseivavam-lhe os musculos. Ainda um esforço igual, entre sustos e recuosos, e elle vencia o silencio do segundo corredor. Já no adro, quando o seu coração ia mais desafogado e a partida poderia considerar-se ganha, um vulto, só presentido a breve distancia, fel-o coser-se sumidamente á parede, empedrado e quedo, sentindo-se aluir pelos joelhos. Era uma irmã de caridade que se encaminhava para a capella, desfiando as contas de um rosario. Toda absorta na prece, os olhos demissos a reflectirem doçura, ella não se apercebeu do fugitivo.

Chegado á porta e sorvendo a largos e insatisfeitos haustos o bafejo da viração maritima, que fazia sussurrar a ramaria alta das figueiras, Sylvino sentiu nm renovado alento. Estava final-

mente livre! Os morticolos já não se banqueteariam mais sobre as suas carnes. A these do interno Castro ficaria sem o seu melhor capitulo.

E saboreando os efeitos da vingança que elle mesmo não gosaria, Sylvino dirigiu-se resolutamente para o mar, emboscando-se na alea dos oitys. O vôo rufiante de alguns pombos, em busca de um beiral proximo, trouxe-lhe uma perradeira reminiscencia do lar distante e querido, por onde todos os dias, já ao escurecer, os trocazes passavam aos pares, procurando uma sóca de bambús farfalheiros.

No caes, recostado á murada, Sylvino quedou-se algum tempo, os olhos errantes pela belleza da tarde que se finava. Havia no ar uma infinita doçura, e a paisagem parecia toda feita uma pellucia macia. No poente cambiante e afogueado, entre o recorte verde-negro das montanhas, o sol esmorecia, ainda franjando de ouro um bando de nuvens altas, que se aquietavam sobre o anilado terno do ceu. Gaivotas retardatarias, num giro leveiro, librando cadenciadamente as azas, esvoaçavam sobre a superficie immota e espelhante das aguas. Uma nevoa lilaz e transparente envolvia a serrania longinqua, engrinaldando-a de roxo e esfumando-lhe a projecção no roseo pallido do horizonte. Sobre o debrum negro de Nictheroy plosphoreavam as primeiras luzes, que o mar debuxava numa esteira em tremulina de ouro...

Uma dor inoportavel e dilacerante, como se garra adunca e invisivel lhe estorcegasse os rins, despertou Sylvino daquela contemplação inebriante, que o chamava á vida. Era preciso não hesitar mais, se elle estava irremediavelmente perdido... E o seu corpo resvalou na escorrença algosa e verdoenga das pernas do quebradouro, sumindo-se no cresp das ondas.

Mas tres dias depois, já de calcanhares poidos, o ventre bojante e marbreado, as orbitas vazias, com a mesma indifferença com que o havia tragado, o mar devolveu-o á praia; e o futuro morticola, feliz na inconsciencia do seu crime, farejando a presa com volupias de carnifice, lá foi desvisceral-o sobre a mesa de autopsias, na ancia de encontrar a absconsa lesão que lhe desse á hese o cunho de interesse e originalidade.

GASTÃO CRULS



# SUPPLEMENTO



## Psychologia do theatro

Em um rectangulo illuminado, personagens imitam os meneios humanos. Uma luz forte, egual e doirada, que sae de baixo, do alto e de todos os pontos do universo que elles habitam, torna-os uniformemente brilhantes e coloridos. Como Pedro Schlemihl, perderam sua sombra. O espaço invariavel em que se movem alterna-se em quarto de dormir e salão. São esses os dois commodos da casa. Sala de jantar não existe. Para as refeições trazem os creados a mesa.

Outrora, a decoração da comedia era a da rua: mas esse costume passou. Os actores não sahem mais de casa. São raras as peças modernas que não se passam num apartamento ou quando muito, no terraço ou no jardim.

A unica occupação das personagens é amarem-se. Prima entre elles, a respeito, a maior cortezia. Quando, em seu meio, dois experimentam inclinação e necessidade de se approximarem, vão-se todos os outros e os deixam sós. A propria luz diminue e um raio de luar vem pousar sobre os amantes. E' tamanha essa discreção que os personagens em scena gritam os seus segredos sem medo de que os surpreendam e se abraçam sem cuidar das portas, que poderiam abrir-se, mas que, de facto, só terminada a scena se abrem. Apesar dessa tranquillidade, são tumultuosos os amores. São apenas suspiros e soluços. Quando as coisas estão muito más, a actriz toma os cabellos com as duas mãos e descobre a frente. E' o signal das peiores catastrophes. Olha fixamente diante de si, deixa cahirem os dedos ao longo das faces: é o desespero.

Os personagens têm de agradável a circumstancia de trazerem na cara o seu caracter e de lhes ver desde logo o que são. Um trahidor tem o nariz de trahidor, uma gravata de trahidor e calçados de trahidor. E' o que se chama a composição. Não ha exemplo de que elle tenha o ar de bom rapaz, o que é uma differença feliz para com a vida. A namoradeira só tem que apparecer e logo a reconhecemos. E' um typo que só existe no theatro, impossivel na realidade, pois, consiste em seduzir toda a gente com um mixto de pretenção e perfidia. A ingenua se revela, por sua vez, por um arzinho idiota e uma voz esgançada. Não existe, tambem, sinão no theatro. Produz-se difficilmente numa especie de gallinheiro que se chama Conservatorio.

Todos esses seres são estreitamente especializados. Os amantes recusam-se ás peças em que não são amados. E ha moças, commummente um pouco fortes, cujo emprego é rir, mais rir de certa maneira, a maneira da scena, ora em *i*, ora em *o*, ora em *e*. São especies de amadores, como o caçador de pratos e o tocador de xylophone. No theatro nunca se ri quando se é magro.

Durante tres horas, essa pequena população contende com o destino ou entre si. Espectadores amontoados, mudos e immoveis, seguem, entretanto, essa lucta, mastigando confeitos. De tudo o que se diz em scena, nenhuma palavra é verdadeira. As aventuras são imaginarias, as garrafas são vasiaes e as pistolas, carregadas a polvora secca. Mas essas dores fugidas provocam uma dor verdadeira nos espectadores. E essa dor é ao mesmo tempo um prazer. As lagrimas correm; são lagrimas deliciosas.

Qual o segredo de tão extranho prazer?

Compreender-se-ia mal o theatro, si não se dissesse que esses milhares de espectadores, immo-

veis na sombra, a olhar obstinadamente um quadro de fogo, não estão inteiramente em estado de vigilia, mas em estado comparavel ao do sonho. As semelhanças entre o sonho e o espectáculo são numerosas e surprehenderes. Assim como no sonho ora somos espectadores ora actores e passamos, subito, de um a outro papel, tambem no theatro ora nos oppomos ao actor, ora nos identificamos com elle. E' assim que o côro grego, esse espectador ideal, ora apparece como testemunha, ora como personagem.

No sonho, tudo o que é concebido como possivel é tido immediatamente como real, sem cuidado das difficuldades da realisação: egualmente, em scena, o que uma vez se annuncia que vae acontecer é acceito quando acontece, qualquer que seja a inverosimilhança; é o segredo das preparações.

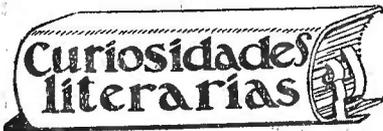
As famosas leis do theatro, que se procura sem poder formulal-as, não são talvez sinão as leis que no sonho dirigem a serie das imagens. A principal é a do movimento ininterrupto. Uma peça de theatro, como um sonho, não pôde immobilisar-se. Prohibem-se a uma como a outra as regressões, os movimentos circulares. Em um e outro caso, as imagens nascem umas das outras. Ellas agradam unicamente por sua desfilada. Queremos, apenas, que se desfaçam docemente a nos dizerem adeus, antes que nos acordem: eis porque nos é agradável que os herões morram. Ao contrario, uma peça sem desenlace nos dá a sensação desagradavel de um brusco despertar, sendo o panno que cae, como um desses creados do hotel que brutalmente nos fazem sentir que é tempo de nos levantarmos.

Ora, a fusão momentanea entre o espectador e o personagem tem como consequencia a justificação pela scena moderna de uma velha theoria de Aristoteles. Pode-se conceber assim o

papel do Theatro: nós todos nascemos com os germens de todas as paixões, os quaes desenvolvendo-se mais ou menos, nos dão uma certa necessidade de homicídio, de perjúrio e de ambição. Mas, da mesma forma que, inoculando-se-lhe uma doença attenuada, se immunisa o paciente, que não poderá mais soffrer a mesma molestia em estado agudo, também dando-se ás paixões dos espectadores a satisfação illusoria do theatro, impedem-se esses mesmos espectadores de as sentir ao natural.

Um burguez, bom pae e bom esposo, vae ao theatro. Entra o primeiro personagem. Não duvidais que é elle mesmo. Tudo o que se diz em scena, o espectador ouve com o coração. E' elle mesmo quem deseja, quem teme, quem é amado. Faz uma declaração pela voz do actor, affronta o marido em pessoa e morre por procuração. Tendo tido uma pequena febre de inoculação, está immunisado e volta em paz para casa. Bastou-lhe a noitada. Foi assassino e adultero. Segundo Aristoteles, purgou as suas paixões. E' no que o theatro é salutar e moral. A unica difficuldade da theoria consiste em que, levada ao extremo, concluir-se-ia que o theatro é tanto mais moral, quanto mais criminal, mais romanesco e mais lubrico.

(De um estudo de HENRY BIDOU)



## «A Comedia,,

«A Comedia» foi um jornal diario academico (diario!) temerariamente fundado em 1881 por Valentim Magalhães e Silva Jardim, que então estudavam Direito de S. Paulo.

Durou de 2 de março a 22 de maio de 1881, sendo assiduamente collaborada pelos então academicos Raul Pompéia, Raymundo Corrêa, Eduardo Prado, Affonso Celso, Assis Brasil, Fontoura Xavier e muitos outros, sem contar Machado de Assis e Filinto de Almeida, que também mandavam, do Rio, a sua collaboração. Pouco antes de expirar «A Comedia» foi Silva Jardim substituido na redacção por Eduardo Prado.

Do que foi essa interessante folha — orgam de uma robusta geração, que inaugurou na Academia uma

grande época de gloria — daremos uma idéa, transcrevendo alguma coisa do primeiro e do ultimo numero.

Eis o artigo de apresentação:  
« Todos nós temos lido os bons romances burguezes, em que o enredo é a vida, a alma da historia.

Não gostamos então que venha o visinho impertinente, alardeando erudição de Ponson e de Dumas, dizer-nos se o cavalleiro Armando deu ou não a estocada prometida no donzel Y, ou se raptou D. Leonora Sanches. Assim acontece com «A Comedia». Está aberta a scena: as luzes esclarecem o salão, e quer talvez o leitor apreciar-a, apalpa-a, estudal-a e — pretensão de auctor! — admiral-a.

Contar-lhe a historia futura, o programma, o itinerario, o enredo, é vulgarizar-a, achatal-a, diminuir-a. Nunca!

Não temos programma, temos actores: o publico e nós. O mundo de todos é o nosso mundo. Como toda comedia acaba em casamento, espéramos que pela lei dos absurdos inevitaveis, uesta não se dê o contrario, antes começemos, nós e o publico, amando-nos, gostando-nos, a 40 reis por entrevista, o enlacemos-nos numa união productiva, financeira, monetaria.

Subiu o panno; venha da platéa o applauso ou a pateada: nunca o publico o faça, porém, á moda dos chins, isto é: nunca nos volte as costas.»

Agora a apresentação em verso:

Anciosa, alegre, cheia  
A platéa,  
Ao apito soberano  
Sobe o panno!

E a comedia da Alegria  
Principia,  
Deslumbrando de repente  
Toda a gente.

Sois vós mesmos os actores,  
Meus senhores,  
E é palco enorme, profundo,  
Este mundo.

A morte, ingenua caíada,  
A embrulhada  
Desenreda e, á luz da rampa,  
Abre a campá.

A' scena, burguez ricaço  
De cachaço!  
Airosa, gentil morena  
Eia á scena!

Dansem; sob e sobre flôres  
Os amores!  
D. Quixote, Sancho Pansa  
Sus! á danza!

Vem, ó Musa abençoada  
Da Risada!  
Canta, canta; canta, canta  
Pinta a manta!

Vem, consciencia dos edis,  
Vem e diz  
Se não merece piedade  
A oidade!

Vinde todos, vinde todos,  
Como doudos  
Dar bons dias á COMEDIA  
Fresca e nédia!

Tem sorrisos, tem pilheirias  
Muito serias!  
Apenas não tem bastantes  
Assignantes...

O ultimo numero appareceu largamente tarjado de negro, vindo o artigo de fundo precedido de um emblema funebre: uma eça oom tocheiros, sendo os artigos espaçados por lagrimas... de tinta preta.

Esse numero, esoadalosamente mortuario, foi collaborado por Fontoura Xavier, Raul Pompéia, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima e Luiz Murat, alem de Eduardo Prado e Valentim Magalhães, proprietarios, inconsolaveis.

Foi escripto por aquelle o seguinte artigo de fundo:

« Nós hoje fallecemos.  
Ao darmos esta noticia aos nossos leitores pedimos-lhes desculpas por esta falta involuntaria.

Não dizemos que o paiz se cobre de lucto, nem tão pouco que nas fileiras da imprensa abre-se um claro que difficilmente será preenchido.

Nada djssio. Morremos sem mais cerimonia! Já na outra vida traçamos este artigo de fundo, que é mesmo do fundo da sepultura. Faltariam porém á mais comesinha delicadeza para com a memoria dos illustres finados, se não lhes traçassemos um sentido necrologio.

Uhm! Uhm!  
Nós nos curvamos compungidos em frente do nosso tumulo, e, si não estivessemos mettidos dentro delle, deporiamos um osculo sobre a lapide fria que cobre os nossos restos.

Nós vivemos, escrevemos e morromos.

Viver! escrever! morrer! talvez seja tolo!

Um de nós foi poeta; o outro, cousa nenhuma. Immensa superioridade!

A sorte porém igualou-nos dotando ambos com um myopia digna de menção.

Quem é myope vê pouco. Foi por isso que não vimos a minima necessidade de dizer adeus aos nossos leitores.

«Abstemo-nos deste adeus porque, de sentimento, seriamos capazes de morrer outra vez, contrariando o principio de «Nos bis in idem».

Depois o leitor devo estar numa posição difficil e incommoda, no terreno das supposições e da curiosidade.

Um pé aqui, outro acolá, um para cá e outro mais longe.

Mas é inutil a gymnastia de seu espirito de leitor para descobrir a causa da nossa morte.

Esta causa é a seguinte: — Falta de vida.

Que diz, senhor leitor?

«Confesse que sósinho não atinava...» Não foi somente neste artigo que o publico paulistano foi chamado tolo. Seguia-se-lhe outro, dedicado «Ao Respeitavel Publico», no qual «A Comedia» deolarava que, estando á beira do tumulo e não precisando mais de leitores, ia dizer-lhe francoamente, para desafogo de sua consciencia, quanto o achava ridiculo e digno de pena. Imaginem os leitores o resto do artigo.

Na impossibilidade de o transcrever bem como aos muitos outros escriptos «funebres», em que era chorado o preuatuero passamento «d'A Comedia» rematamos esta noticia reproduzindo abaixo as duas lindissimas poesias que se seguem. A primeira é de Raymundo Corrêa e a segunda de Valentim Magalhães. Eil-as:

Morres porque não pagam-te (que espiga)  
Os que de riso tu morrer fizeste!  
Mas olha, amiga: si a sorrir nasceste.  
Morre a sorrir como nasceste, amiga!

Se ninguem na agonia te socorre,  
Morre como Aretino: ás gargalhadas!  
Morre pandega, calma, alegre! Morre  
Rindo, rindo, ás bandeiras despregadas!

Morre soltando uma risada immeusa  
Entre a vida e o morrer, jornal jocundo!  
De menos um jornal que importa a Imprensa?  
«Que haya um cadaver más que importa al mundo?»

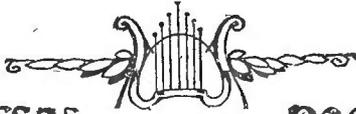
Agora o soneto de Valentim Magalhães, o «pae» inconsolavel d'«A Comedia»:

Morres, filha, e ao descer à terra ingrata e fria,  
Causas um grande abalo à pansa dos burguezes.  
Diz um, irado: «E eu que assignei por seis mezes!»  
Ontro diz: «Eu pensei que a COMEDIA rendia...»

Que assignou sem pagar o burguez esquece!  
E hoje que o mundo vil retira-se da scena,  
E a dourada alegria em teu labio emudece,  
E' que elle diz: «Tão bella e tão boa! Que pena!»

Foste travessa, alegre e rispida tambem;  
Mas foste sempre justa, independente e honrada:  
Como quem sonha e ri, mas não deve a ninguem!

Morres como a bohemia aos clarões da alvorada:  
Guitarra ao peito, a fronte enfeitada de flores,  
Rindo à Morte, ao Destino, ao Throno, aos devedores!



**Os nossos**

**poetas**

## Uma satyra de HILARIO TACITO

Hilario Tacito, bastante conhecido como escriptor desde o seu grande successo com a «Madame Pommeroy», é tambem excellente poeta. Entre os nossos satyricos cabe-lhe um logar na primeira plana, como se prova com os versos abaixo, escriptos há annos por occasião da visita da Embaixada Uruguaya a São Paulo e só agora por nós publicados:

I

Mnsa, tu, que meus éstros accendendo,  
Inspirado me tens, me inspira agora  
Uns versos de salão com que pretendo  
A historia divulgar por mundo afóra  
De um baile diplomatico estupendo  
— Cujá fama farei correr sonora —  
A' nruquaya embaixada offerecido  
Com brilho que jamais será excedido.

II

Confesso, aborrecido, ao mundo inteiro  
(E por modestia não, pois que appetite  
De vel-o sempre tive, prazenteiro)  
Que ao baile, só por falta de convite,  
Não assisti. Porém o meu barbeiro  
— Amigo (embora alguém não me acredite)  
Do consul que nos deu a Guatemala —  
Lá esteve, só por isso, e por mim fala.

XV

Em sendo já bem grande o movimento  
Do povo que lá dentro se encontrava  
(De todos distraído o pensamento  
Nas pompas que este baile apresentava)  
— A' porta eis que se forma, num momento,  
Um grande reboliço, em furia brava,  
Que todos a correr, de prompto, obriga  
Para o sitio em que andava accessa a briga.

XVI

A musica cessara, estarrecida,  
Que, inda ha pouco, se ouvia em cada sala;  
De mais de uma donzella commovida  
Se conta que perdeu de susto a fala.  
Num bôlo, junto à porta de sahida,  
Estava a multidão de grande gala  
— Com os olhos cada qual buscando o centro  
Por melhor observar o que ia dentro —

XVII

Um velho, feio, alto, alli se via.  
Mettido em vil casaca amarrotada,  
Puxando pelas mãos, por companhia,  
Em roupa domingueira, a filharada:  
— Seis meninas (si a conta não varia)  
Com seus lenços de chita desbotada,  
Nos quaes depois levassem, com dextreza,  
Os doces da bemdita sobrezeza.

XVIII

« Não pode! Não! » — Com voz firme, sonora,  
O Cyro assim lhe diz, postado à frente —  
« A Etiqueta Official que aqui vigora  
« O ingresso das meninas não consente.  
« E' preciso, portanto, e sem demora  
« — São ordens que me vêm do Presidente  
« E dellas eu, porisso, não me aparto —  
« Fecharmos as creanças n'algum quarto. »

XIX

« N'algum quarto! Mas isso não tem geito! »  
— Responde em pasmo o triste Pica-Fumo,  
Que nunca na sua vida tinha feito,  
Nem na Camara, assim com tal aprumo,  
Discurso mais solenne, mais perfeito,  
Do que este que eu a custo aqui resumo —  
« Então . . . pretende Vossa Senhoria  
« Trancar-me as innocentes . . . na enxovia!

XX

« E' a lei! Num regimen democratico  
« A todos por igual obriga e manda. »  
— Ao velho, que escutava, sorumbatico,  
Junto à prole, encolhida d'uma banda,  
Prompto replica o moço aristocratico  
Ao qual sua desventura não abranda;  
Ordenando lhe cumpram, sem detença,  
Tres lacaios a asperrima sentença.

XXI

Quem poderá jamais, pela linguagem  
(Contanto que não seja Homero ou Danto)  
O pasmo descrever, a triste imagem,  
Do Ancião, quando viu, naquelle instante,  
Presa nas rudes mãos da criadagem,  
A prole, que na escada e já distante,  
Chorava, com tamanho destempero,  
Que ao triste Pae dobrava o desespero.

XXII

Na Torre de Gualandi celebrada  
Ugolino não foi mais lastimoso,  
Quando viu perecer a prole amada  
Da fome no supplicio pavoroso,  
Do que o foi, por amor da filharada,  
O bravo Pica-Fumo; o qual, raivoso,  
Planeava, para a ceia, mil vinganças,  
Que doces lhe valessem ás creanças.

XXIII

Entanto a multidão, irreverente,  
O largo sem consolo e sem piedade,  
Echoando pelo paço incontinente,  
Espessa, contagiosa hilaridade;  
— Quando o triste vislumbra, derrepente,  
Entrando, sem nenhuma novidade,  
O Candido Batata e a prole inteira  
Que arruma na Etiqueta... uma rasteira.

EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

\* GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000

Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

**Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO**

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis intra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato orréa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMÍAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>o rnelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 1/2 × 12 1/2 centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

10

A seguir novellas de:

**Coelho Netto,**

**Afranio Peixoto,**

**Waldomiro Silveira**

**Cornelio Pires** e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

**Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro**

Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú.

Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS

27



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).